

INTRODUÇÃO

Nataniel dos Santos Gomes*

Roberto Rossi Menegotto**

Em 25 de abril de 1960, Schulz, criador de *Peanuts*, publicou a tira que dizia: “A felicidade é um cachorro-quentinho.” A mudança de atitude das personagens fez a frase ser repetida exaustivamente, a ponto de virar o título de uma coletânea da sua criação, gerando ainda mais popularidade para suas tiras. A frase sai da boca da personagem mais ranzinza da turminha, Lucy, o que cria um grande contraste, para o cãozinho Snoopy, em seu arrombo de felicidade.

Apesar de observar situações que representam total desumanização nas relações, tornando-as utilitárias, usando enquanto interessa e depois jogando fora, como um guardanapo, os quadrinhos são uma arte que provoca, que faz refletir, que apresenta os olhares da sociedade sobre aquele determinado momento, por meio da imagem e do texto, hibridizados.

A importância das imagens é tanta que o editor dos livros de Júlio Verne diz que não é texto que define a ilustração, mas que ela define o texto, transportando o leitor para uma viagem além, sendo um tipo de catalizador para a imaginação. Além disso, o sistema de pré-vendas de livros, naquela época, mostrava a importância das imagens na divulgação dos livros. Os vendedores que batiam à porta dos possíveis compradores usavam das imagens para divulgar as obras como forma de estímulo para a aquisição delas.

Apesar de tudo isso, o nosso sistema de ensino acaba encurralando o saber em fronteiras que enxergam apenas a partir

* Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

** Professor da educação básica. Doutor em Letras pela Universidade de Caxias do Sul (UCS).

de um determinado viés, geralmente mais racionalista, tornando os estudantes incapazes de imaginar outras possibilidades. Mas, por meio das imagens, é possível romper tais padrões, iluminando as fronteiras como um farol, e criando meios para a transcendência da experiência do leitor.

A mudança do ponto de vista é a meta de quem tem os quadrinhos como objeto de estudo, o que não vai acontecer a partir de atitudes do herói cavalcando sobre o seu cavalo alado, mas do encontro de outros olhares. Assim, para enxergar mais e melhor, precisamos de instrumentos específicos, que sejam capazes de direcionar nossa visão para o alvo que desejamos investigar. O desafio está em fugir da fragmentação, das divisões, da exclusão e da forma ensimesmada de enxergar a vida, o que prejudica nossa visão ao invés de ajudar.

Por isso, estudar quadrinhos é ser subversivo. É ter um olhar multidimensional, indo além do horizonte por meio da curiosidade, uma das marcas mais importantes de nossa espécie, como o ar que respiramos por meio das diversas linguagens, indo além da “realidade”.

Logo, o texto, em seu sentido mais moderno, precisa ser explorado pelo lado da imagem e da tipografia, onde o texto está imerso na imagem, as figuras ancoradas nas palavras, que servem para revezar os seus sentidos.

O ditado popular diz “Uma imagem vale mais do que mil palavras”. Mas são estruturas distintas, sem correspondências totalmente equivalentes; porém é a partir do visual que a mensagem é manifesta, quando as palavras não conseguem dar conta da sua intenção comunicacional.

O presente dossiê tem o desafio de investigar os traços culturais por intermédio dos quadrinhos, seus impactos sociais e mostrar que possível fazer pesquisas sérias e com rigor científico usando os quadrinhos e sua linguagem híbrida na Academia. Esperamos

que fique claro que os Estudos Culturais, nas suas mais variadas manifestações, encontram solo fértil na cultura de massa, em especial nas histórias em quadrinhos, abrindo espaço para pesquisas que fazem a interface entre quadrinhos e cultura, e que buscam investigar como os quadrinhos manifestam elementos culturais em sua produção, seja por meio dos estilos, representações da realidade, ideologias ou outros.

Desse modo, os trabalhos componentes do dossiê apresentam reflexões e interpretações de histórias em quadrinhos e de seus traços culturais – “todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem na condição de membro da sociedade”, conforme definição de Edward Burnett Tylor, em 1871 –, visam promover debates que dialogam em um nível multidisciplinar e revigorante sobre a Arte Sequencial.

Boa leitura.